



BYTE E O GRANDE LIVRO DAS INVENÇÕES

o romance que deu origem ao filme O Fantástico Laboratório do Jovem Percival

...

DOSSIÊ DE APRESENTAÇÃO

Raphael Martinez

*Romance de aventura para ler em família · 11–14 anos (6º–9º ano) · ~71 mil palavras · obra
concluída*

Sinopse curta

Um robô de sucata, sem braços, aprende a amar uma família que não era para ser a dele. Percival vai construí-lo por acidente e vai passar o livro inteiro com medo de perdê-lo.

Percival tem quinze anos e a certeza teimosa de que dá conta de tudo sozinho. Quando a falência arrasta a família de São Paulo para o casarão do avô, um inventor que morreu recluso e ficou conhecido como "o velho maluco" na pequena Cruzeiro, o menino encontra, atrás de uma cortina de trepadeira, o laboratório que o velho lacrou em vida. Lá dentro, um livro de capa de couro guarda máquinas impossíveis e a promessa de uma invenção capaz de salvar todo mundo.

Percival tenta erguê-la sozinho. A máquina explode, e da fumaça colorida se levanta Byte: lata, luz e movimento no lugar da fala, dois cabos que balançam onde deviam existir braços.

Há quarenta anos alguém caça aquele livro. Para proteger Byte, Percival e uma turma de crianças desenterram a guerra que Cruzeiro escondeu em 1932 e correm contra a única noite em que tudo ainda pode dar certo.

Sinopse longa

1932. Um garoto de quinze anos chamado Severino atravessa o Túnel da Mantiqueira no meio de uma guerra, a Revolução Constitucionalista, brasileiro contra brasileiro, apertando contra o peito um livro de capa de couro que lhe pediram para guardar e nunca abrir. Ele cumpre. E some da história por sessenta e sete anos.

1999. A família Dias quebra na crise do Real e perde tudo. Sem para onde ir, muda-se para a única coisa que sobrou: o casarão do velho Severino, o avô inventor que morreu sozinho no interior, em Cruzeiro, e que a cidade chamava de maluco. **Percival**, quinze anos, é o filho que aprendeu a dar conta de tudo sozinho; pedir ajuda, para ele, é confessar que não basta. A irmã caçula, Alice, oito anos, coleciona palavras difíceis num caderninho. Os vizinhos, Maria, dezesseis, e o irmão pequeno Lucas, sete, cuidam um do outro porque cedo aprenderam a não contar com adulto.

Atrás de uma cortina de trepadeira que virou parede, Percival encontra o laboratório que o avô lacrou em vida. Decifra uma equação que ninguém fechava, e a lousa gira, revelando um livro de capa de couro e uma pedra verde que muda de cor. O livro guarda invenções de gênios de séculos, e no meio delas uma máquina diferente, com um recado do avô: *"esta não separa, esta junta."* Falta-lhe uma peça que não é de metal, escondida numa palavra grega que ninguém ali sabe ler.

Desesperado para salvar a família, Percival constrói a máquina sozinho. Ela explode. E da fumaça colorida se levanta **Byte**: um robô de lata e sucata, sem braços, com o disco rígido do avô por coração e luzes no peito que mudam de cor conforme o que ele sente. Byte não fala por palavras; comunica-se por luz, som e movimento. Em três dias, vira o coração de uma família que se escolhe.

Mas há quem cace aquele livro há quarenta anos: Frida, uma velha que já foi historiadora e azedou até concluir que o conhecimento deve ser trancado a sete chaves, e seus dois capangas. Enquanto o cerco se fecha, as crianças seguem as anotações do avô como um mapa do tesouro e desenterram a verdade. O avô foi o menino que carregou o livro pela guerra de 1932. A cidadezinha pacata foi capital de um conflito que o país varreu para debaixo do tapete. E o livro pertence a uma ordem secreta de inventores que escolhe um guardião a cada geração. A pedra verde é uma alexandrita capaz de guardar energia, a peça que faltava. Quanto à palavra grega, é a pequena Alice quem a decifra no velho dicionário do avô: **páthos**, emoção, amor. *"O amor é o ingrediente que faltava."*

A última pista leva ao coração da Ordem, escondido no túnel onde tudo começou, que só se abre numa única noite de alinhamento da lua: 9 de setembro de 1999. As crianças chegam primeiro, atravessando o túnel das marcas de bala. Lá encontram um altar e um tesouro que é armadilha: quem chega por ganância se perde nele; quem chega por amor ao saber passa direto. Na última página da Ordem, uma frase que Percival lê e não entende.

Então os vilões chegam. A cobiça os devora. E um cabo de alta tensão despenca sobre as crianças.

Byte poderia se desligar e durar, como faz uma máquina. Não faz. Avança, recebe a descarga inteira para proteger a família, grita "*BYTE PROTEGE FAMÍLIA!*" e se apaga. Morre.

Ajoelhado ao lado do amigo, Percival finalmente entende a frase. A última peça da maior invenção nunca foi um objeto. É parar de tentar sozinho. "*Eu não consigo sozinho. Eu preciso de vocês.*" Ele estende a mão. Maria, que nunca confiou em ninguém, é a primeira a segurá-la; depois Alice, depois Lucas. O pai chega correndo, reconhece nas palavras da Ordem a frase que o próprio avô lhe repetia menino, e fecha o círculo. A energia atravessa as mãos dadas e chega à pedra, e o que Byte deu sozinho volta multiplicado pelo círculo: Byte renasce, e a antena que nunca teve braço para abraçar ninguém se estica e toca a mão de Percival.

Frida foge com o livro nos braços, mas leva a casca e deixa a fruta: o livro só "acende" em mãos dadas, e ela não tem com quem. O pai, diante de um chão coberto de ouro sem dono, não toca numa única pedra. Abraça os filhos, ergue Byte do chão e diz "*Acabou. Vamos pra casa.*"

No epílogo, dias depois, três gemas que a pequena Alice guardou no bolso por serem bonitas resolvem, sozinhas, o dinheiro que ninguém foi buscar. E na edícula do avô, antes trancada e morta, agora escancarada, Percival recria o Grande Livro de memória. Ao chegar ao fim, vira a página em branco e começa a escrever a parte que é só dele. *Às vezes, o que não resolve nada... resolve tudo.*

Gancho de continuação (potencial de série): Frida segue viva, com o livro mudo nas mãos. Um dia ela vai entender o que levou. E vai voltar.

Sobre o autor

Bio curta

Raphael Martinez é cineasta e educador, nascido no Capão Redondo. Há mais de quinze anos dirige conteúdo audiovisual, com mais de dois mil trabalhos no currículo (entre eles transmissões da Sala São Paulo e produções no MASP). Entre 2021 e 2023 foi diretor técnico da Vila Sésamo no Brasil. Fundou o Instituto Paulista de Cinema, escola de formação mantida com a Prefeitura de Osasco. Em 2026 foi selecionado para o SXSW com a palestra *Talent Has No Zip Code*. *Byte e o Grande Livro das Invenções* é o seu primeiro romance.

Bio média

Raphael Martinez nasceu no Capão Redondo e fez do audiovisual e da sala de aula a mesma vocação. São mais de quinze anos dirigindo conteúdo, mais de dois mil trabalhos que vão das transmissões da Sala São Paulo às produções no MASP. De 2021 a 2023 foi diretor técnico da Vila Sésamo no Brasil, onde trabalhou com elenco mirim e com a exigência de fazer conteúdo infantil de alto padrão. Fundou o Instituto Paulista de Cinema, escola de formação audiovisual mantida com a Prefeitura de Osasco.

Faz filme e dá aula pela mesma razão: abrir, para outros, a porta que um dia abriram para ele. Em 2026 foi selecionado para o SXSW com a palestra *Talent Has No Zip Code*, talento não tem CEP. É a tese da palestra, é a história dele e é o que move o seu primeiro romance.

Byte e o Grande Livro das Invenções é a obra de origem de todo esse universo. A mesma história deu vida ao longa *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, contemplado pelo Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), vencedor do edital de fomento de Cruzeiro, selecionado para o Hub Audiovisual e autorizado pela ANCINE (Despacho 47-E/2025). Martinez é autor do livro, diretor do filme e titular único de toda a propriedade intelectual, incluindo o personagem Byte.

Ângulo de imprensa

Um cineasta do Capão Redondo, que dirigiu a Vila Sésamo no Brasil entre 2021 e 2023, foi selecionado para o SXSW com uma palestra chamada *Talent Has No Zip Code*: talento não tem CEP. É a história dele e a do seu primeiro romance, uma aventura ambientada na Guerra de 1932, com um robô de sucata chamado Byte. Desse livro nasceu um longa-metragem (FSA, edital de Cruzeiro, Hub Audiovisual, ANCINE), com estreia em festivais no meio de 2028 e nas salas no segundo semestre do mesmo ano. A palestra e o livro dizem a mesma coisa.

Posicionamento e comparáveis

Ficha rápida

- **Título do livro:** *Byte e o Grande Livro das Invenções*. **Título do filme (derivado do livro):** *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*. A obra nasceu como livro; foi essa mesma história que virou o roteiro do longa. Dois títulos próprios: o livro lidera pelo personagem que vende (Byte); o filme, pela jornada do protagonista (Percival). Um dá força ao outro, e nenhum depende do outro.
- **Autor:** Raphael Martinez, cineasta que esteve à frente da *Vila Sésamo* no Brasil (2021 a 2023) e foi selecionado para o **SXSW 2026** (palestra *Talent Has No Zip Code*). Do livro derivou um longa contemplado pelo FSA, vencedor do edital de Cruzeiro e **selecionado para o Hub Audiovisual**. É a estreia do autor na ficção literária, e isso é notícia, não fragilidade.
- **Gênero:** aventura familiar infantojuvenil, com camada histórica (Revolução de 1932) e ficção científica afetiva (o robô Byte).
- **Extensão:** ~71 mil palavras, cerca de 250 páginas estimadas.
- **Status:** concluído e revisado.
- **Formato editorial:** obra **autônoma e completa**, com **potencial de série**.

Público-alvo

11 a 14 anos, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Posicionar para esse leitor, não para a faixa de 8 a 12: o prólogo trata da guerra de 1932 (com a morte sugerida) e o clímax tem a morte e o renascimento do robô, material que pede o leitor de 11 anos para cima. A leveza da dupla mais nova (Alice e Lucas) é alívio cômico, não rebaixamento de faixa. É, ainda, um forte **livro de leitura compartilhada**: a família lê junto, e o adulto encontra a própria camada na voz do narrador.

Comparáveis

Pitch de uma linha: "*O Robô Selvagem encontra a Revolução de 1932, um Os Karas com o coração de Wonder.*"

- **Internacionais (o espaço emocional e de mercado):** *O Robô Selvagem* (Peter Brown), robô mais família escolhida, já com filme; *Wonder*, o comovente sobre ser de fora e o sentido de família; um toque de *A Invenção de Hugo Cabret* (Selznick) pela mecânica, a nostalgia e a engenhosidade.
- **Nacionais (tradição e legitimidade de prêmio):** a linhagem **Pedro Bandeira / Os Karas** (turma de crianças, mistério, aventura, perseguição), somada à densidade literária de **Lygia Bojunga** (*A Bolsa Amarela*) e **Ana Maria Machado**, a prosa que circula em prêmios e na escola.

O comp comercial quente. *O Robô Selvagem* não é referência teórica: saiu em português pela **Intrínseca (2024)** e tem **filme recente**. A aposta aqui não é repetir os números de um fenômeno com filme da DreamWorks. O que ele prova é que a **categoria vende AGORA, em português**: há leitor para a combinação de robô, afeto e família. *Wonder* e *Os Karas* sustentam o prêmio e a tradição; *O Robô Selvagem* sustenta a planilha

de vendas. A Intrínseca, aliás, é editora-alvo natural por publicar exatamente esse comparável.

Gancho de venda

1. **Prosa de qualidade e tema com lastro escolar.** Uma voz autoral distinta (o narrador onisciente cúmplice) e uma tese forte (o saber só acende em círculo de mãos dadas), ancorada em memória histórica nacional. O perfil dialoga com programas de leitura escolar e com a seleção do **Selo FNLIJ** (a Guerra de 1932 é pouco explorada na ficção infantojuvenil).
2. **Personagem com forte potencial de licenciamento.** O Byte, sem braços, com antena que abraça, peito que muda de cor e paixão por pipoca, é desenhado para capa, pelúcia, papelaria e tela. Tem perfil de catálogo de fundo (vende por anos), não só de pico de lançamento.
3. **Tração transmídia comprovada.** Do livro derivou o longa-metragem *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, já **contemplado pelo Fundo Setorial do Audiovisual (FSA), vencedor do edital de cultura de Cruzeiro e selecionado para o Hub Audiovisual**, com estreia prevista em festivais no meio de 2028 e nas salas no segundo semestre de 2028. Isso dá ao livro um horizonte de lançamento e abre a estratégia de **lançamento casado**: o livro sai primeiro e ganha um **relançamento na estreia do filme**, cada um empurrando as vendas do outro. O autor ainda foi selecionado para o **SXSW 2026** com a palestra *Talent Has No Zip Code*, reforço de imprensa para o lançamento. E há uma camada de acessibilidade nativa (a história já pensa Libras, audiodescrição e legenda), que alinha o projeto a editais e a linhas editoriais de impacto.

Potencial de PNLD e compra institucional

Este é o argumento que abre a porta da escola em escala. Três eixos do livro conversam diretamente com o currículo do Ensino Fundamental II e com os critérios de seleção de obras do **PNLD Literário**:

- **Revolução de 1932.** História do Brasil e formação do estado de São Paulo, um episódio pouco romanceado para essa faixa, o que faz da obra material raro e desejável para acervo.
- **Invenção, ciência e engenhosidade.** O laboratório, as máquinas e o próprio Byte abrem ponte com o pensamento científico e com o eixo de tecnologia, sem virar aula.
- **Diversidade e acessibilidade.** A história trata do pertencimento de quem é de fora e já nasce pensando Libras, audiodescrição e legenda, alinhada aos critérios de representatividade e inclusão que a política pública valoriza.

Somados, esses eixos posicionam o título para **compra institucional** (governo, secretarias, acervos de biblioteca escolar), o comprador que sustenta tiragens grandes e recorrentes muito além do balcão da livraria.

A vantagem do filme / IP

O livro veio primeiro e é a obra de origem; foi dele que saiu o roteiro do longa hoje em desenvolvimento (FSA, edital de Cruzeiro, Hub Audiovisual). Isso é **alavanca, não muleta**:

- O livro é **obra autônoma e completa**: funciona inteiro, sozinho, sem depender do filme. O filme é **ganho extra** (evento de relançamento, divulgação, licenciamento), nunca premissa.
- **Direitos limpos**. A propriedade intelectual de todo o universo (livro, filme e o personagem Byte) é **100% de Raphael Martinez**, criador da história em ambas as formas. Isso simplifica a conversa. O contrato editorial precisa apenas delimitar, de saída, o que a editora recebe (o texto literário) e o que permanece com o autor e a produtora do longa (universo audiovisual, personagem para tela e merchandising). Trazer isso resolvido dissolve a única trava jurídica que um comitê levantaria.

Quarta-capa e textos de venda

. . .

Byte podia ter fugido.

É para isso que serve uma máquina: durar.

Só que Byte é mais do que uma máquina. É um robô feito de sucata e de tudo o que sobrou de uma família que perdeu quase tudo. Não tem braços. Também não fala por palavras: fala por luz, por som, e por uma antena que nunca teve com que abraçar ninguém.

Quando Percival o construiu, achava que ia salvar a família sozinho. Não imaginava que estava montando, com as próprias mãos, a única coisa capaz de lhe ensinar o contrário.

Numa cidade que enterrou uma guerra, diante de um livro que séculos de gênios não conseguiram terminar, numa única noite em que tudo pode dar certo (ou acabar de vez), um menino vai descobrir a invenção mais poderosa do mundo:

a única que ninguém constrói sozinho.

. . .

Uma aventura sobre inventar, sobre perder e sobre as mãos que a gente precisa segurar para não cair. Para quem tem onze anos e para quem um dia teve.

. . .

Variação curta

Byte é um robô de sucata, sem braços, que aprende a amar a família montada às pressas em volta dele. Quando a cidade vem cobrar um segredo guardado há quarenta anos, um menino convencido de que dava conta de tudo sozinho descobre a invenção mais poderosa do mundo: a única que ninguém faz sozinho.

Frases soltas

- "A invenção mais poderosa do mundo é a única que ninguém constrói sozinho."
- "Byte podia ter fugido."
- "A antena que nunca teve braço para abraçar ninguém."
- "Às vezes, o que não resolve nada... resolve tudo."

Direitos autorais e propriedade intelectual

Esta nota responde de uma vez à pergunta que todo comitê faz antes de comprar: *de quem são os direitos, e há alguém no caminho?* A resposta curta é que uma só pessoa detém toda a propriedade intelectual e o livro, e essa pessoa é sócia e diretora do filme. **Não há terceiro no caminho.**

1. Titularidade, uma única origem

Sou o autor único e o titular originário de todos os direitos sobre a obra literária *Byte e o Grande Livro das Invenções*, nos termos da Lei nº 9.610/1998. A obra é **original e inédita**: não é adaptação de obra de terceiro, não tem coautor nem ghostwriter, e não há agente, cessão, licença ou ônus anterior incidindo sobre o texto. A editora negocia com **uma única parte.**

2. Relação com o filme: obras irmãs, o mesmo criador

O mesmo autor concebe e dirige o longa-metragem *O Fantástico Laboratório do Jovem Percival*, produzido pela minha produtora, a **Motiom Produções Visuais Ltda** (CNPJ 18.726.393/0001-80, São Paulo/SP), da qual sou **sócio e diretor. Sou o titular único de toda a propriedade intelectual do universo, inclusive do personagem Byte, e da obra literária.** Livro e filme nascem da mesma fonte criativa e da mesma pessoa. E há uma separação jurídica que joga **a favor** da editora: a obra literária é minha, pessoa física (Lei 9.610/98); a obra audiovisual e todo o seu financiamento correm pela produtora, pessoa jurídica da qual sou sócio. São obras irmãs, não concorrentes nem litigiosas, e os contratos do filme ficam num veículo separado, que não toca a edição do livro.

O que costuma travar um comitê é justamente o caso inverso a este. Aqui, **o livro não é uma novelização licenciada de roteiro alheio.** É obra literária autônoma, escrita pelo próprio criador do projeto audiovisual. Por isso, a editora **não precisa limpar, licenciar nem financiar direitos de tela** para publicar: esses direitos já estão sendo exercidos por mim, à parte, no filme.

3. O que a editora adquire, e o que o autor retém

À editora (objeto do contrato de edição) cabem os direitos de **edição e publicação da obra literária**, em impresso, e-book e audiolivro, com território, idioma e prazo a negociar, nos termos usuais de um contrato de edição.

Retidos pelo autor (fora do contrato de edição) ficam os **direitos audiovisuais e de adaptação para tela**, a dramatização e o **licenciamento de personagens e merchandising** (incluindo o personagem **Byte**), que já estão em curso no projeto do filme.

Há flexibilidade, se for do interesse das partes, para uma cláusula de primazia ou cortesia editorial sobre um eventual livro *tie-in* do filme, ou sobre os próximos títulos, caso a obra vire série.

4. O filme é ativo, não passivo

O longa está **aprovado e em captação por órgãos oficiais**, prova de solidez do projeto: a ANCINE autorizou a captação pelo **Despacho nº 47-E, de 15/04/2025** (processo 01416.002593/2025-96), e o projeto foi selecionado pela chamada **BRDE/FSA, Produção Seletivo Cinema 2024** (inscrição 43558), com **R\$ 4.294.629,00 aprovados** (Fundo Setorial do Audiovisual R\$ 2.000.000; Art. 1º da Lei 8.685/93 R\$ 978.564,50; Leis Estaduais de Incentivo R\$ 978.564,50; recursos próprios R\$ 337.500) e prazo de captação até **31/12/2028**. O projeto venceu ainda o **edital municipal de cultura de Cruzeiro/SP**, foi **selecionado para o Hub Audiovisual** e foi **selecionado para o SXSW**. Para o livro, isso funciona como **motor de marketing e como calendário de lançamento já em marcha**: o plano é o **livro primeiro**, com **relançamento na esteira do filme**, cada um alavancando o outro. É vantagem competitiva, não risco.

5. Garantias e uma ressalva honesta

Garanto a titularidade e a originalidade do texto literário, garanto a inexistência de ônus sobre ele e respondo por essa declaração no contrato de edição, na cláusula usual de garantia de autoria.

E há a prova documental. Todo o **fomento ao filme** está formalizado em nome da produtora **Motiom Produções Visuais Ltda** (PJ) e incide sobre a **obra audiovisual**: a autorização da ANCINE (Despacho 47-E/2025), a seleção do FSA (BRDE/FSA, inscrição 43558), o Art. 1º da Lei 8.685/93, as Leis Estaduais de Incentivo, o edital de Cruzeiro, além das credenciais de mercado do projeto (o Hub Audiovisual e a seleção para o SXSW), financiam a **produção do longa**, não a edição literária. Como a obra literária é minha, pessoa física, e o fomento corre pela produtora, pessoa jurídica, os dois patrimônios estão **juridicamente separados na origem**: nenhum desses instrumentos alcança os direitos de publicação do romance. Coloco os comprovantes da ANCINE e do FSA à disposição para a due diligence.

6. Em uma frase, para o comitê

Uma só pessoa detém toda a IP e o livro, e é sócia e diretora do filme; a editora compra um **romance limpo, sem terceiros no caminho**, cujo filme **já está aprovado e financiado por fundos setoriais (FSA/ANCINE), à parte**. Risco jurídico mínimo, sinergia de lançamento máxima, com festivais previstos para o meio de 2028 e salas no segundo semestre de 2028.